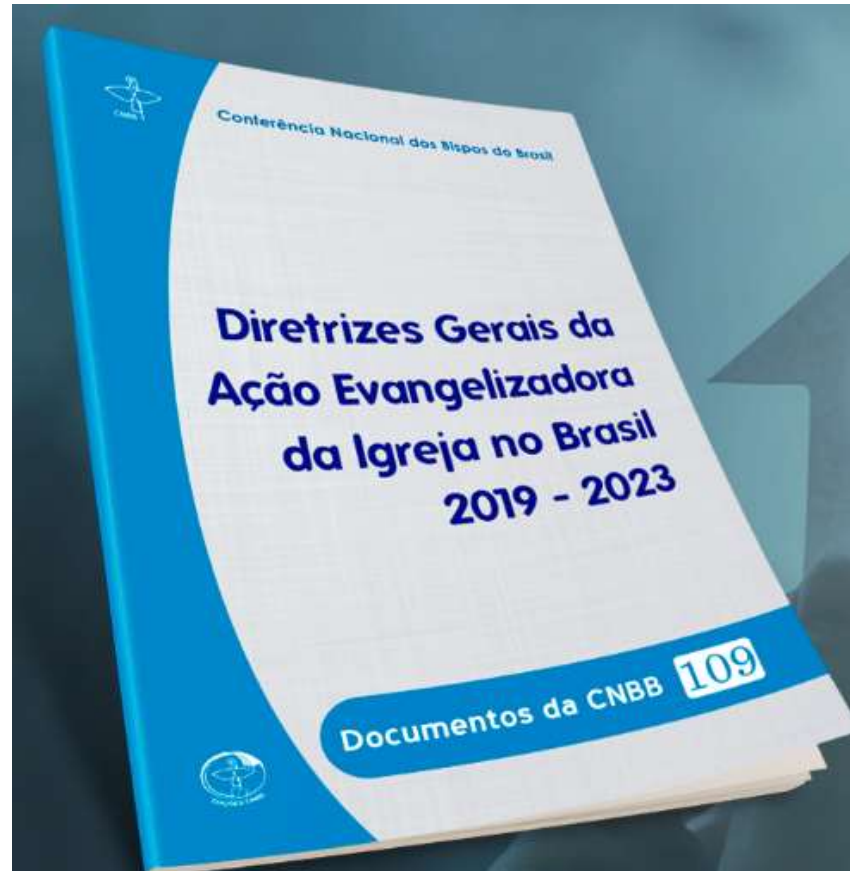


DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL 2019-2023



DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL 2019-2023

Estas Diretrizes se constroem à imagem da Casa. Em seu duplo movimento, a Casa permite o ingresso e a saída. É, ao mesmo tempo, lugar de acolhimento e envio. Com isso, ela remete aos dois grandes eixos inspiradores dessas Diretrizes: **comunidade e missão**. A Casa é a imagem do que as Diretrizes chamam de ***comunidades eclesiais missionárias***.

Objetivo Geral

EVANGELIZAR

no Brasil cada vez mais urbano,
Pelo anúncio da Palavra de Deus,
formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo,
em ***comunidades eclesiais missionárias***,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
cuidando da Casa Comum e
testemunhando o Reino de Deus
rumo à plenitude.

Introdução

1. Jesus Cristo, o missionário do Pai, veio anunciar a boa nova do Reino de Deus, que instaurou com a sua encarnação, vida, morte e ressurreição e é o “Reino da verdade e da vida, Reino da santidade e da graça, Reino da justiça, do amor e da paz”.

4. As DGAE 2019-2023 estão estruturadas a partir da *Comunidade Eclesial Missionária*, apresentada com a imagem da “casa”, “construção de Deus” (1Cor 3,9). Casa, entendida como “lar” para os seus habitantes, acentua as perspectivas pessoal, comunitária e social da evangelização, inserindo, no espírito da *Laudato Sì*, a perspectiva ambiental. Em tudo isso, convida todas as comunidades eclesiais a abraçarem e vivenciarem a missão como escola de santidade.

6. Casa é aqui a imagem que se pode pensar de maior proximidade às pessoas, ao lugar onde vivem, mesmo àquelas que só têm a rua como casa. Ela indica a proximidade relacional entre as pessoas que ali convivem. Indica igualmente a necessidade da Igreja se fazer cada vez mais presente nos locais onde as pessoas estão, seja onde for.

7. Essa casa é a **comunidade eclesial missionária**. Suas portas estão continuamente abertas para o duplo movimento permanente: entrar e sair. São portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores.

8. A comunidade eclesial missionária é sustentada por **quatro pilares**: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. Em cada um deles, as urgências anteriores são reagrupadas e permanecem mostrando sua atualidade:

- **Palavra** – Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica;
- **Pão** - Liturgia e espiritualidade;
- **Caridade** - Serviço à vida plena;
- **Ação Missionária** - estado permanente de missão

Capítulo 1

O anúncio do Evangelho de Jesus Cristo

Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas e proclamando o evangelho do Reino. (Mt 9,35).

10. O mundo urbano atual, cuja mentalidade está presente na cidade e no campo, embora marcado por contradições e desafios, é lugar da presença de Deus, espaço aberto para a vivência do Evangelho.

Nesse mundo também é possível concretizar a coexistência fraterna, na qual se realiza a promessa do Senhor: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles” (Mt 18,20).

11. A descoberta dessa presença se realiza dentro das culturas. Inserida na vida de pessoas e povos, a Igreja busca escutar suas angústias, compartilhar de suas alegrias, compreender suas mentalidades e interpelar seus contravalores. Por isso, ela anuncia e testemunha “o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus”. O testemunho e o anúncio rejuvenescem a Igreja

1.1. Fidelidade a Jesus Cristo, Missionário do Pai

12. “Para mim, o viver é Cristo!” (Fl 1,21)
Somos todos **convidados a renovar o encontro pessoal com Cristo** e tomar a decisão de deixar-se encontrar por ele, pois, a **vida que Jesus nos dá é uma história de amor**, uma história de vida que quer se misturar com a nossa e criar raízes na terra de cada um... Esse encontro **provoca uma conversão de vida** que leva ao discipulado, gera comunidade e impele a sair em missão.

13. O anúncio de Jesus Cristo se faz no horizonte do Reino de Deus, que é o centro de sua vida e de sua pregação. Jesus “percorria cidades e povoados, proclamando e anunciando o evangelho do Reino de Deus” (Lc 8, 1).

14. Como o Reino é de Deus, o discípulo o acolhe por meio da fé (Mc 1,15), pois, “o primado é sempre de Deus”, “a verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir”, “a iniciativa pertence a Deus”. “Dado que **não se pode conceber Cristo sem o Reino** que Ele veio trazer”, a missão que a Igreja recebeu “**requer o compromisso de construir**, com Cristo, este Reino de amor, justiça e paz para todos”. Desse acolhimento, brota o compromisso pela edificação do Reino neste mundo.

18. Quando contemplamos o Evangelho, encontramos **dois verbos** que marcam a relação de Jesus com os discípulos: **“vinde” e “ide”**. Jesus que chama é o mesmo Jesus que envia (Mc 3,13-15). Ele chama para estar consigo e para sair em missão. Por isso, **não se pode separar a vida em comunidade da ação missionária**, como se uma só dessas dimensões bastasse. “

1.2. Igreja: Comunidade de discípulos missionários de Jesus Cristo

19. A Igreja é a comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo, ele que é a luz única para pessoas e povos (Jo 14,6). 24 “O que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos para que estejais em comunhão conosco [...] para que a nossa alegria seja completa” (1Jo 1,3-4). Anunciar o amor de Deus revelado em Jesus Cristo e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na vida nova, indicando o “horizonte estupendo” de vida que se abre a partir da comunhão com ele, é o centro da missão da Igreja.

1.3. Missão: anúncio que se traduz em palavras e gestos

21. Com as palavras: “Ide, pois, fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-os a observar tudo o que vos mandei” (Mt 28,19-20a), Jesus Cristo confiou aos seus seguidores não uma simples tarefa, mas conferiu-lhes uma identidade que os projeta para além de si, na comunhão com a Santíssima Trindade, em favor do mundo inteiro, por meio do testemunho, do serviço e do anúncio do Reino de Deus.

22. A missão eclesial tem sua fonte e origem em Deus mesmo. Da Trindade Santa, **transborda o amor** que se manifesta na missão do Filho e do Espírito Santo, enviados do Pai.

24. A vivência cotidiana do amor fraterno em comunidade **constitui** uma forma privilegiada de testemunho cristão. Ao entregar aos seus apóstolos o mandamento novo, Jesus afirma: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns para com os outros” (Jo 13,35).

1.4. Cultura urbana: desafio à missão

27. “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Neste “ide” de Jesus, que nos aponta para a origem trinitária da missão, “**estão presentes os cenários** e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária”. O cenário atual é ambíguo, marcados por **luzes e sombras**.

28. Um dos desafios mais relevantes é, sem dúvida, a **cultura urbana**, pois nosso mundo vai se tornando cada vez mais urbano. Isso acontece não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas também porque **o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais**, alcançando os rincões mais distantes, com todas as consequências - humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras. É por isso, que **pensar a relação entre evangelização e cultura urbana**, torna-se um **imperativo** para a ação evangelizadora em nossos dias.

29. As cidades atuais são ambientes nos quais as pessoas são **continuamente chamadas a escolher**, optar, desde aspectos mais imediatos até questões mais profundas, diretamente ligadas ao sentido da vida. São locais onde se manifesta, ainda que em formas e graus diferentes, a **tendência ao imediatismo**, à diversificação e à fragmentação. São cidades diferentes das de outras épocas, **exigindo**, portanto, que a ação evangelizadora **seja pensada** levando em conta sua complexidade.

30. Ao contemplar as cidades com inúmeros desafios, **o olhar dos discípulos missionários identifica**, de imediato, muitas formas de sofrimento, dentre as quais, **a pobreza**, o desemprego, as condições precárias de trabalho e habitação, a devastação ambiental, a falta de saneamento básico e espaços de convivência, a violência e a solidão.

32. Os discípulos missionários são convocados a **escutar, admirar, e compreender** a mentalidade urbana atual, cujas marcas são globais e, ao mesmo tempo, diversificadas e plurais. É por isso que o Papa Francisco, ao se referir às cidades, toma como ponto de partida **as culturas urbanas e seus desafios** (EG,n. 71-75).

1.5. Comunidades eclesiais missionárias no contexto urbano

33. No momento atual, pelo qual passam o mundo e o Brasil, a **conversão pastoral** se apresenta como **desafio irrenunciável**. Esta conversão implica a **formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias**, nos mais variados ambientes, que sejam casas da Palavra, do Pão, da Caridade e abertas à Ação Missionária.

34. Pequenas comunidades oferecem um *ambiente humano de proximidade e confiança* que favorece a **partilha** de experiências, a **ajuda mútua** e a inserção concreta nas mais variadas situações.

35. “Muitas pessoas carecem da experiência da bondade de Deus. Não encontram qualquer ponto de contato com as Igrejas institucionais e suas estruturas tradicionais. [...] **Se não chegarmos a uma verdadeira renovação da fé, qualquer reforma estrutural permanecerá ineficaz.** [...] As pessoas precisam de lugares, onde possam expor a sua nostalgia interior. E, aqui somos chamados a procurar novos caminhos da evangelização. Um destes caminhos poderia ser as **pequenas comunidades**, onde sobrevivem as amizades, que são aprofundadas na frequente adoração comunitária de Deus.

36. A formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, **oferece um referencial concreto para a conversão pastoral.** Nessas comunidades, os cristãos leigos e leigas, a partir da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios e do serviço cristão à sociedade, vivem sua vocação e sua missão, em comunhão e solidariedade.

39. A missão exige a habilidade de percorrer um **caminho sinodal**, que é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio. A sinodalidade significa o **comprometimento e a participação** de todo o Povo de Deus na vida e na missão da Igreja, uma vez que **todos são corresponsáveis** pela vida e pela missão da comunidade e todos são chamados a operar segundo a lei da mútua solidariedade no respeito dos específicos ministérios e carismas, enquanto cada um desses obtém a sua energia do único Senhor (1Cor 15,45)”.

CAPÍTULO 2

OLHAR DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

Ao ver as multidões Jesus encheu-se de compaixão. (Mt 9,36)

2.1. Contemplar para sair em missão em um mundo que se transforma

41. A Igreja, sacramento universal de salvação, anuncia sempre **o mesmo Evangelho**. Nessa missão, ela é chamada a *acolher, contemplar, discernir e iluminar* com a Palavra de Deus a complexa gama de elementos culturais, sociais, políticos e éticos que **constituem a realidade à qual é enviada**.

Só a **partir deste diálogo** com a realidade, em constante mutação, ela será capaz de fazer com que o Evangelho **chegue aos corações das pessoas**, às estruturas sociais e às diversas culturas.

42. A Igreja contempla a realidade a partir de uma condição bem específica, a **de discípula missionária** (DAp, n. 19.29)

2.2. Uma cidade onde Deus habita

46. Uma das maneiras para se compreender esta mudança de época pode ser encontrada, então, na imagem da *cidade*. Em meio a tantas alternativas de compreensão, **a figura da cidade ajuda a expressar** tanto o que está acontecendo no mundo e no Brasil de hoje, quanto **iluminar a percepção do discípulo missionário** sobre a inquestionável **presença amorosa de Deus.**

47. Reconhecemos a presença de Deus em cada contexto histórico, inclusive no mundo atual, cada vez mais urbano. Por isso, a cidade se torna **uma imagem importante** para a ação evangelizadora em nossos dias. “A fé nos ensina que **Deus vive na cidade**, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos” (DAp, n. 514)

Deus se faz presente em meio a **todas as perplexidades** que podemos experimentar. **Cabe** à Igreja, iluminada pelo Espírito Santo, **contemplar esta realidade**, distinguindo nela o que esse mesmo Espírito já está dizendo e fazendo (Ap 2,7.11.17.29), **identificando as sombras** que negam o Reino de Deus e **as luzes**, sinais do que o próprio Senhor está realizando.

48. Existem muitos modos de compreender as cidades e com elas interagir. **Como evangelizadores**, preocupam-nos, acima de tudo, “os **critérios** de julgar, os **valores** que contam, os **centros de interesse**, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os **modelos de vida da humanidade**” (EN, n. 19). A partir destes aspectos, **olhamos para cada pessoa**, em especial a que sofre, nela enxergando o Cristo Senhor (Mt 25,40) e, por isso, agindo firmemente em vista da superação de todo sofrimento.

2.3. A vida na grande cidade mundial

49. O mundo das grandes cidades e da mentalidade ou cultura que nelas é gerada e alimentada, é local da *individualidade*.

Se, por um lado, **cada pessoa possui em si uma dignidade irrenunciável e insubstituível**, fruto da ação criadora de Deus, por outro, discernimos como **sombra a afirmação do indivíduo feita**, em detrimento do convívio, da fraternidade e da comunhão.
(individualismo)

51. Outra característica de nosso mundo atual diz respeito ao *consumo e ao consumismo*, fato que o Papa Francisco definiu como “doença muito séria”. Vivemos um tempo em que **tudo** tende a ser feito para **ser consumido**, esgotado e conseqüentemente substituído. Com rapidez, objetos **tornam-se ultrapassados**, gerando a necessidade de reposição. **Infelizmente**, o que se faz com os objetos acaba por **se transferir** às relações humanas.

52. Essa individualização consumista da vida está diretamente ligada a diversos **fenômenos que nos assustam** cada dia mais. Liga-se, por exemplo, à **corrupção**, atitude de quem só pensa em si, nos próprios interesses e ganhos, sequer olhando para os rastros de abandono e sofrimento que vai deixando pela vida. **Liga-se ao triste e dilacerante comércio das drogas**, para quem lucrar a qualquer custo implica gerar um número crescente de vítimas.

Liga-se à violência como atitude organizadora da vida e da sociedade, que leva a enxergar a morte do outro como solução para os desafios e conflitos. Gera o esforço pela **legalização da morte de quem ainda nem nasceu**, bem como faz suscitar grupos de extermínio. Chega a quem, **penando nas portas e sarjetas dos hospitais**, não recebe o necessário atendimento, e continua lutando contra a morte, em meio ao desespero

53. A forte acentuação na individualidade traz como consequência o *enfraquecimento das instituições e das tradições*, (DAp, n. 39) enquanto garantidoras do sentido da vida, dos rumos a serem seguidos e da paz social. Dentre essas instituições, **preocupa de modo especial a fragilização da família**, pois já não se trata apenas de reconhecer que existem dificuldades, mas de lidar com uma mentalidade que afirma claramente ser a família **uma realidade ultrapassada** (EG, n. 66; AL, n. 52).

54. Outra marca de nosso mundo é a *pluralidade*, que se manifesta nos âmbitos da cultura, da ética, da vivência religiosa e associativa. São modos diferentes de compreender e avaliar a realidade. **A pluralidade manifesta-se como luz** na medida em que permite à pessoa exercer o dom da liberdade e escolher em meio a múltiplas variáveis. **No entanto, ela se manifesta como sombra** na medida em que, diante de cada pessoa, são também colocadas possibilidades de escolha que não conduzem à vida, mas ao sofrimento e à morte (Dt 30,19).

55. Neste mundo, existem também propostas religiosas das mais variadas vertentes, fazendo com que o **ambiente religioso se torne cada vez mais plural e diversificado**. Esta realidade é luz na medida em que abre a possibilidade para que a experiência religiosa seja fruto de **uma escolha livre e consciente** e convoca pessoas e grupos a cultivarem o diálogo ecumênico e interreligioso.

Todavia, este mesmo ambiente religioso, **manifesta-se como sombra** na medida em que permite ao indivíduo tornar-se, **ele mesmo, critério absoluto** para a escolha de um caminho religioso, levando-nos a nos questionar até mesmo se se trata de efetiva abertura ao mistério de Deus.

57. As grandes cidades são ainda locais de alta *mobilidade*. As pessoas se locomovem de um lado para outro, buscando ganhar a vida, tentando sobreviver. A vida, deste modo, já não acontece mais em um único local, mas exige frequentes deslocamentos. **Estes podem ser luz** enquanto permitem o encontro entre modos diferentes de lidar com a vida, entre compreensões e enfoques diversificados. **São, no entanto, sombra** quando se tornam forçados, como tem ocorrido com as populações em situação de rua, os migrantes e os refugiados, especialmente nas áreas pressionadas pelo mercado imobiliário ou por interesses de outros grupos econômicos.

58. Diretamente ligada a todas essas características, encontra-se a *pobreza*, ausência do necessário para viver com a dignidade humana que decorre da condição de filhos e filhas de Deus. Um mundo no qual predomina o individualismo consumista tem se mostrado **gerador de enormes desigualdades sociais**, com excluídos para os quais não existe outra esperança de viver a não ser no próprio Deus, que lhes ouve o clamor.

60. A pobreza se alarga, enfim, para o modo como lidamos com o planeta e seus recursos. É o desafio *ambiental* do mundo de nossos dias. Isso acontece porque o “ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social”

62. Em meio a tudo isso, percebe-se o desafio experimentado pelos *jovens*. Eles sentem na pele “a confusão e o atordoamento”, que dão “a impressão de reinar no mundo”. São os que mais se ressentem da fragilidade de referências e da precariedade de critérios.

63. Diante da aguda fragilidade de referências, a *verdade* é relativizada e individualizada, num complexo de possibilidades. Atinge-se, deste modo, a consciência de pessoas, grupos e da sociedade como um todo. Afeta-se a identidade, que, sem referências objetivas para se conduzir, acaba por oscilar, entregando-se à mercê das demandas oportunistas do mercado.

Valores como honestidade, integridade e abnegação correm o forte risco de serem absorvidos pela **mentalidade de só pensar em si**, de só buscar o que está ao alcance das mãos, sem se preocupar com as consequências para o futuro e mesmo para o presente.

2.4. O Senhor está no meio de nós!

67. Em meio a esta complexa conjuntura, pela fé reconhecemos o Senhor presente e atuante junto a nós (Jo 14,18). Ao lado das luzes já referidas, outras tantas podem ser indicadas. Dentre essas, destacam-se a *resistência* e a *resiliência*, como capacidades para **não se deixar vencer** pelo que degrada as pessoas e o meio ambiente e, quando a degradação se impõe, encontrar a ousadia da criatividade para se reinventar e descobrir caminhos novos para reconstruir a vida e a paz.

68. A luz do Senhor se manifesta também nos **esforços por compreender** o mundo das cidades e sua influência sobre a vida de todo o país e mesmo do planeta.

71. Este breve olhar sobre a atual realidade do Brasil, mostra que a ação evangelizadora necessita **investir** ainda mais no discipulado e na missionariedade.

O discipulado implica deixar-se encontrar pelo Senhor, com Ele estar (Mc 8,13-15) e formar comunidade com os outros discípulos e discípulas (At 2,42-47). Nossas paróquias nem sempre têm conseguido cumprir plenamente essa função.

72. Em meio a tudo isso, o discípulo missionário afirma: “**Deus habita a cidade!**”, isto é, “ele está no meio de nós!” (Mt 28,20; Dt 31,6). Se a realidade se manifesta embaçada, com dores que parecem invencíveis, **o discípulo missionário reconhece**, testemunha e anuncia que o Senhor não está inerte, que **Ele não nos abandonou à própria sorte.**

CAPÍTULO 3

A IGREJA NAS CASAS

Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. (At 2,42)

3.1. A Casa da Comunidade

73. A casa, enquanto espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados para o encontro e o diálogo de Jesus e seus seguidores com diversas pessoas (Mc 1,29; 2,15; 3,20; 5,38; 7,24)

Nas casas ele curava e perdoava os pecados (Mc 2,1-12), partilhava a mesa com publicanos e pecadores (Mc 2,15ss; 14,3), refletia sobre assuntos importantes, como o jejum (Mc 2,18-22), orientava sobre o comportamento na comunidade (Mc 9,33ss; 10,10), e sobre a importância de se ouvir a Palavra de Deus (Mt 13, 17.43).

75. Os discípulos de Jesus Cristo reuniam-se comunitariamente em casas particulares, a exemplo do Cenáculo, onde eles se encontravam no dia de Pentecostes (At 2,1-3). Numa casa, geralmente, reunia-se um pequeno grupo dos **que procuravam escutar o chamado do Senhor e responder a ele** pela vivência da comunhão e da missão.

76. Entre os primeiros cristãos, a experiência da *Igreja na casa* implicava um conjunto de **relações** para além dos laços familiares das casas tradicionais. A Igreja nas casas garantia um **senso de pertença à família de Deus** (Mc 3,31-35) e já não importava mais ser grego ou judeu, escravo ou livre, **mas somente ser de Cristo** (Cl 3,11; Gl 3,28). A casa-comunidade era o **lugar do reconhecimento mútuo** e, nela, seus habitantes deviam superar as distâncias e passar da simpatia ao encontro.

77. As comunidades, reunidas nas casas, incluíam tanto pessoas pobres, como gente de maior condição econômica. **Nelas existia uma reciprocidade** que se caracterizava pela solidariedade e acolhida de todos. Assim, o cristianismo propôs que a ordem patriarcal, característica das casas naquela cultura, **fosse convertida pelo amor numa ordem fraterna**, com participação ativa das mulheres e cuidado especial para com os membros mais fracos e pobres.

80. A casa permitiu que o cristianismo primitivo **se organizasse em comunidades pequenas**, com poucas pessoas, que **se conheciam e compartilhavam** a mesa da refeição cotidiana. Pela partilha da mesa com todos os batizados se estabelecia **um novo estilo de vida**, marcado pelo seguimento de Jesus Cristo. A hospitalidade era aberta também a pecadores e pagãos.

3.2. Comunidade de comunidades

82. Atualmente, diante da complexidade urbana e da mudança de época, retoma-se a indicação do *Documento de Aparecida* sobre as pequenas comunidades eclesiais, consideradas como ambiente propício para **escutar a Palavra de Deus, viver a fraternidade, animar a oração, aprofundar processos de formação continuada da fé, e fortalecer o firme compromisso do apostolado** na sociedade de hoje (DAp, n. 309).

84. As pequenas **comunidades eclesiais missionárias** que se formam em ruas, condomínios, aglomerados, edifícios, unidades habitacionais, bairros populares, povoados, aldeias e grupos por afinidades, devem se configurar como uma verdadeira rede, em comunhão com a Igreja local. **São compostas por pessoas que se reúnem, movidas pela fé em Jesus Cristo,** para a escuta da Palavra, buscando luzes para viver a fé cristã numa sociedade de contrastes.

3.2.1. Pilar da Palavra – Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica da vida e da pastoral

- *Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos. (At 2,42)*

88. Os Atos dos Apóstolos relatam que a comunidade cristã **se concentrava nas casas** como o seu lugar característico de reunião, ajuda mútua e do **fortalecimento da vivência missionária**. Nelas os cristãos ouviam juntos a Palavra e, por esta iluminados, procuravam discernir a experiência da vida em Deus, conscientes de que a fé provém da escuta (Rm 10,17).

89. As pequenas comunidades são ambientes propícios para a acolhida dos que buscam a Deus. A partir do **encontro com a Palavra e da experiência de vida fraterna** na comunidade, as pessoas são introduzidas no processo de Iniciação à Vida Cristã.

“É preciso ter sempre presente que toda a iniciação cristã **é caminho de conversão**”

90. Iniciação à Vida Cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Uma não pode ocorrer sem a outra. Os processos de Iniciação e a formação dos agentes evangelizadores **precisam** levar em conta as etapas que lhe são próprias: o querigma, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Assim, esse itinerário, **fundamentado na Sagrada Escritura e na Liturgia**, é capaz de educar para a escuta da Palavra, para a oração pessoal e para o compromisso comunitário e social.

3.2.2. Pilar do Pão - Liturgia e espiritualidade

Eram perseverantes [...] na fração do pão e nas orações. (At 2,42)

93. Entre os primeiros cristãos, a comunhão se expressava principalmente na celebração da Eucaristia. Os vínculos anteriores e posteriores à Eucaristia suscitavam a partilha das dificuldades do cotidiano e o compromisso com o Reino de Deus.

94. A mesa está no centro da celebração da fé cristã. Esta é sempre ato comunitário, que exige presença, acolhida das pessoas, cuidado e afeto pelos outros.

95. A comunidade eclesial, como casa que nutre seus filhos **é sustentada pela oração.**

96. A oração dos discípulos missionários de Jesus Cristo deve ser a **expressão** da espiritualidade do seu seguimento.

97. Na pastoral, é preciso **superar a ideia** de que o agir já é uma forma de oração. Quando confundimos agir com rezar, chegamos a **abreviar ou dispensar** os tempos de oração e de contemplação. Quando reduzimos tudo ao fazer, corremos o risco de nos contentar apenas com reuniões, planejamentos e eventos.

98. A espiritualidade cristã se traduz na **busca da santidade**, favorece e alimenta um jeito de ser Igreja. Diante da samaritana, Jesus pediu: “Dá-me de beber” (Jo 4,7). **O Senhor Jesus tem sede da entrega confiante a Ele** de nossas comunidades eclesiais e de nosso empenho missionário.

3.2.3. Pilar da Caridade – Serviço à vida plena

Eram perseverantes (...) na comunhão fraterna. (At 2, 42)

102. Na fé cristã, a espiritualidade está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar e servir, amar e contemplar, **são realidades indispensáveis** para o discípulo de Jesus Cristo. Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã.

103. A Igreja reza, em sua liturgia, dirigindo-se ao Pai, recordando que **Jesus “sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados. Com a vida e a palavra anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos como filhos e filhas”** (Or. Eucarística VI – D)

104. As questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada **têm** que ser enfrentados pelas nossas comunidades e também pelas Igrejas particulares, em nível local, regional e nacional, numa postura de serviço, diálogo, respeito à dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão, busca da justiça e do bem comum, e cuidado com o meio ambiente.

105. A Igreja anuncia o “evangelho da paz” (Ef 6,15), que é Jesus Cristo em pessoa (Ef 2,14). Isso significa não ignorar nem deixar de enfrentar os desafios da violência explícita ou institucionalizada pelas injustiças sociais, tarefa profética que exige ação de denúncia e anúncio, sendo voz dos sem voz, mas, também, promovendo atitudes de não-violência.

106. A evangelização do mundo urbano não pode prescindir da questão do trabalho. “O trabalho humano é uma chave, provavelmente a chave essencial, de toda questão social”.

110. Contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa **comprometer-se com todos os que sofrem**, buscando compreender as causas de seus flagelos, especialmente as que os jogam na exclusão.

3.2.4. Pilar da Ação Missionária: estado permanente de missão

*Passando adiante, anunciava o Evangelho a todas as cidades.
(At 8,40)*

114. Um mundo cada vez mais urbano, embora possa assustar, é, na verdade, uma porta para o Evangelho, e as comunidades cristãs **precisam** ter um olhar propositivo sobre essa realidade, cientes de que Deus “preparou uma cidade para eles” (Hb 11,16)¹⁴². Ele é quem abre a porta da fé (At 14,27)¹⁴³ em um mundo plural e sedento de sentido e de vida plena, só alcançáveis em Deus.

115. Precisamos perceber que, “se alguma coisa nos deve santamente **inquietar e preocupar a nossa consciência**, é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG, n. 49).

116. A missão, irradiação da experiência do amor gratuito e infinito de Deus, supõe um anúncio explícito da Boa-Nova de Jesus Cristo. Atualmente, o querigma não pode ser dado como pressuposto, nem mesmo entre os membros da própria comunidade.

118. Para ser missionária, a comunidade eclesial **necessita também** se inserir ativa e coerentemente nos novos areópagos, dentre os quais se encontram as redes sociais.

3.3. Rumo à Casa da Santíssima Trindade

121. A Igreja peregrina atua na sociedade porque se autocompreende como sacramento universal de salvação que tem um fim escatológico. A ação evangelizadora e pastoral tem como meta a salvação da pessoa e da humanidade. Salvação que se entende integral, “da alma e do corpo, é o destino final ao qual Deus chama todos os homens”. É participação na obra de Cristo que veio salvar e conduzir a todos à Casa do Pai, onde há muitas moradas.

Essa perspectiva do fim último **deve marcar toda e cada ação da Igreja** na história. Essa **dimensão escatológica**, que suscita a esperança que vence a morte, **é uma importante força da espiritualidade cristã**. A comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo é guiada pelo Espírito Santo, que a todos conduz **à Casa definitiva do Pai**, onde há muitas moradas (Jo 14,2). Por isso a comunidade eclesial reúne um povo de peregrinos a caminho do Reino de Deus, rumo à Pátria trinitária (Fl 3,20).

CAPÍTULO 4

A IGREJA EM MISSÃO

Era grande a alegria na cidade. (At 8,8)

124. As dimensões do Brasil (...) nos levam a acreditar que **é impossível pensar de maneira uniforme a ação evangelizadora.** Somente com o olhar da fé, da caridade cristã e do ardente desejo de anunciar Jesus Cristo, **é possível apontar horizontes** a partir de perspectivas transversais que toquem todas as realidades, independentemente das circunstâncias locais.

125. O modelo para a nossa ação é, e sempre será, a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha do pão, nas orações e na missão (At 2,42; 8,4). Trata-se de uma novidade sempre antiga, mas, ao mesmo tempo, tão atual, que nos permite tirar do tesouro coisas novas e velhas (Mt 13,52).

126. Existem muitas possibilidades para aplicar as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. **Todas partem da comunidade e continuam a fazer referência a ela.** Pequenas ou grandes, no campo ou na cidade, a partir de paróquias ou de grupos reconhecidos pela autoridade eclesial, a comunidade é o ambiente de testemunho determinante para anunciar a Boa Nova e acolher quem dela se aproxima e ir ao encontro das pessoas.

4.1. A Comunidade-Casa

129. A Igreja no Brasil, em sua ação evangelizadora, **assume o compromisso de formar comunidades** que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária.

Enquanto casa, as comunidades que queremos, **são espaço** do encontro, da ternura e da solidariedade, são o lugar da família e têm suas portas abertas.

4.1.1. Casa: espaço do encontro

132. Nossas comunidades precisam ser **oásis de misericórdia** no deserto da história, casas de oração profunda, **de mergulho no sagrado mistério revelado pelo Amor do Pai**. Devem deixar de lado toda burocratização que afasta, toda aparência de empresa que presta serviços religiosos, para caminhar apressadamente no compromisso de se transformarem em lugar de encontro com Deus.

4.1.2. Casa: lugar da ternura

134. Nossas comunidades precisam ser **lugar do olhar, do abraço e do afeto**: olhar o outro e ver nele um irmão, imagem de Deus; acolhê-lo e perceber nele alguém que partilha de um destino comum.

Devemos privilegiar a **linguagem da proximidade**, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial, que toca o coração, a vida, desperta esperança e desejos”(ChV, n. 211).

4.1.3. Casa: lugar das famílias

138. Entre todas as realidades que compõem as comunidades de fé, **a família demanda atenção renovada.** A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* nos impele a ir ao encontro das famílias, **com atenção especial e ternura** de quem coloca uma ovelha ferida no colo. A família é ponto de chegada para nossa ação pastoral e ponto de partida para a vida comunitária mais ampla.

4.1.4. Casa: lugar de portas sempre abertas

141. A comunidade como lugar de portas sempre abertas é também **indicação para a missão**. Quem está dentro é chamado a sair e ir ao encontro do outro onde quer que ele esteja. Ela nunca poderá ser compreendida como casa de irmãos se fechar suas portas para as pessoas mais vulneráveis (...) Não poderá haver uma comunidade **autenticamente cristã** que não seja Porta de Misericórdia para todos que precisam.

4.2. Os pilares da comunidade

144. A comunidade eclesial missionária, como ambiente de vivência da fé e forma da presença da Igreja na sociedade, é sustentada por quatro pilares fundamentais: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária.

4.2.1. Pilar da Palavra: iniciação à vida cristã e animação bíblica da vida e da pastoral

145. A iniciação à vida cristã se refere, principalmente, à adesão a Jesus Cristo, não se esgotando na preparação aos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia. **Fundamenta-se** na centralidade do querigma, o primeiro anúncio. “**Primeiro**” significa que “é o principal”, que sempre se tem de voltar a anunciar e a ouvir de diversas maneiras (EG, n.164).

Este primeiro anúncio desencadeia “um caminho de formação e de amadurecimento” (EG, n. 160) que é o catecumenato, propriamente dito. Este é um tempo de acompanhamento em vista da iluminação da vida a partir da fé cristã. “Para se chegar a um estado de maturidade” (EG, n. 171). Nossas comunidades precisam ser mistagógicas, lugar por excelência da iniciação à vida cristã, preparadas para favorecer que o encontro com Jesus Cristo (DAp, n. 246-257, 278) se faça e se refaça permanentemente.

Encaminhamentos práticos

150. Assumir o caminho de iniciação à vida cristã, de inspiração catecumenal, com a **necessária reformulação da estrutura paroquial**, catequética e litúrgica, com especial atenção à catequese para a recepção e vivência dos sacramentos com crianças, jovens e adultos (sacramentos da iniciação cristã e demais).

151. Revisar o dinamismo das comunidades eclesiais missionárias, possibilitando que o anúncio de Jesus Cristo transforme pessoas, famílias, ambientes, instituições e estruturas sociais.

152. A apresentação de Jesus Cristo necessita ser cada vez mais explicitada....

153. A comunicação e o anúncio da pessoa de Jesus Cristo não podem ser apenas teóricos.

155. Universalizar o acesso à Sagrada Escritura, assumindo-a como alma da missão.

156. Priorizar pequenas comunidades eclesiais, ao redor da Bíblia, como fruto imediato da visitaçãõ missionária.

157. Assumir a leitura orante da Palavra como o método por excelência para o contato, pessoal e comunitário, com a Sagrada Escritura.

4.2.2. Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade

160. A eucaristia e a Palavra são elementos essenciais e insubstituíveis para a vida cristã. **A liturgia é o coração da comunidade.** Ela remete ao Mistério e, a partir deste, ao compromisso fraterno e missionário.

162. É necessário promover uma **liturgia essencial**, que não sucumba aos extremos do subjetivismo emotivo nem tampouco da frieza e da rigidez rubricista e ritualística, mas que **conduza os fiéis a mergulhar no mistério de Deus**, sem deixar o chão concreto da história de fora da oração comunitária.

Encaminhamentos práticos:

164. Resgatar a centralidade do domingo como Dia do Senhor por meio da participação na Missa Dominical ou, faltando essa, na Celebração da Palavra.

168. Respeitar o ano litúrgico nas suas especificidades, tanto no conteúdo quanto na forma.

179. Zelar pela qualidade da homilia, cuidando para que a vida litúrgica lance raízes profundas na existência e na vida comunitária e social.

4.2.3. Pilar da caridade: a serviço da vida

172. Em atenção à Palavra de Jesus e ao ensinamento da Igreja, especialmente sua doutrina social, que iluminam os critérios éticos e morais, **nossas comunidades devem ser defensoras da vida** desde a fecundação até o seu fim natural. A vida humana e tudo que dela decorre e com ela colabora, precisa ser objeto da nossa atenção e do nosso cuidado: do nascituro ao idoso, da casa comum ao emprego, saúde e educação.

Encaminhamentos práticos

174. Promover a solidariedade com os sofredores nas cidades como sinal privilegiado a interpelar e a permitir o diálogo com a mentalidade urbana. Enquanto a cidade tende ao individualismo que acaba por excluir, a vivência do Evangelho necessita explicitamente **gerar experiências de solidariedade e inclusão.** Junto aos que sofrem, especialmente os que sequer têm direito à sobrevivência, a Igreja é chamada a reproduzir a imagem do Bom Samaritano (Lc 10,25-37).

145. Priorizar as ações com as famílias e com os jovens (...) A ação pastoral junto às famílias e aos jovens deve estar presente em todas as comunidades, abrindo-se espaços para diferentes formas de vivência da mesma fé.

177. Aguçar a atenção às inúmeras (DAp, n. 65 e 402) e **novas formas de sofrimento e exclusão**, nem sempre acolhidas pela ação caritativa e sociotransformadora até então desenvolvida.

178. Desenvolver grupos de apoio às vítimas da violência nas suas mais variadas formas.

181. Inserir na lista de prioridades das comunidades de fé o **cuidado para com a Casa Comum**, em sintonia com o magistério social do Papa Francisco.

184. Ser a voz dos que clamam por vida digna. A comunidade, Casa da Caridade a serviço da vida, **não pode abdicar desta preocupação** e desta responsabilidade.

4.2.4. Pilar da Ação Missionária: estado permanente de missão

186. “Para onde Jesus nos envia? Não há fronteiras, não há limites: envia a todos” (ChV, n. 177). Deve ser meta das comunidades cristãs **consolidar** a mentalidade missionária. A missão é o paradigma de toda a ação eclesial. Ela, então, precisa ser assumida dessa forma (EG, n. 15).

188. O cristão é convidado a comprometer-se missionariamente, “**como tarefa diária**”, em levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos...

Encaminhamentos práticos

189. Investir em comunidades que **se auto compreendam como missionárias**, em estado permanente de missão, indo além de uma pastoral de manutenção e se abrindo a uma autêntica conversão pastoral (Dap, n. 366 e 370). Novos lugares, novos horários, linguagem renovada e pastoral adequada às novas demandas da população são algumas características das respostas esperadas.

191. Desenvolver os projetos de visitas missionárias a **áreas e ambientes** mais distanciados da vida da Igreja. Estabelecer um cronograma de visitas...

194. Considerar uma **prioridade pastoral histórica** o investimento de tempo, energia e recursos com os jovens. Formar acompanhadores de jovens, promover missões juvenis em vista da renovação de experiências de fé e de projetos vocacionais e abrir espaços para que os jovens criem novas formas de missão, por exemplo, nas redes sociais (ChV, n. 240, 241 e 246).

196. Valorizar, urgentemente, como espaços missionários os hospitais, as escolas e as universidades, o mundo da cultura e das ciências, os presídios e outros lugares de detenção. Em espaços assim, a presença fraterna e orante é o ponto de partida para o anúncio e a formação de comunidades.

197. Priorizar a pessoa como objetivo da ação missionária. A Cultura do Encontro deve ser o pano de fundo para a missão permanente.

CONCLUSÃO

203. Estas Diretrizes foram elaboradas para **ajudar** a Igreja no Brasil a responder aos desafios evangelizadores de um Brasil cada vez mais urbano.

208. Essas Diretrizes precisarão **inspirar** a formação, o planejamento e as práticas de todas as instâncias eclesiais: comissões pastorais da Conferência Episcopal, Regionais, **Igrejas particulares, paróquias, seminários, pastorais,** comunidades ambientais, movimentos, associações, novas comunidades, organismos, universidades e escolas católicas, meios de comunicação eclesiais, entre outros.